

Ainda não realizado...¹

Christiane Alberti

Não se pode importar sem reservas, sem interrogação prévia, a noção de caso em nosso campo, se pensamos que a consideração do caso não constitui uma prática específica da psicanálise, mas se refere ao modelo de estudo de caso da medicina - na tradição moderna da medicina tão bem descrita por M. Foucault notadamente em seu belo artigo "Des signes et des cas" -, ou do estudo do caso em psicologia, no qual o sujeito se reduz tendencialmente ao caso em si. O caso é a designação metonímica do próprio sujeito.

Casus

O caso adquire outra dimensão com Freud. Não é mais descrição somente, mas construção submetida à história do tratamento. Trata-se desde então de reconstituir a lógica de um caso a partir da experiência analítica. Nessa referência ao tratamento, Freud extrai muito cedo "a estrutura íntima da neurose", "estrutura tão delicada da neurose", sintagmas² próprios para designar o cruzamento do particular da história e da estrutura. Demonstra-se aí que o relato de uma vida só tem incidência clínica se dele extraímos a lógica subjetiva que o anima.

Desde então, as categorias freudianas, Neurose, Psicose, Perversão dominam e ordenam não os agrupamentos de signos clínicos, mas o campo freudiano dos destinos humanos. Sobre isso, a preocupação de Freud não é nosográfica³ e, por outro lado, apesar do seu impacto sobre a nosografia⁴, o nome de Freud não ficou ligado a uma entidade clínica. Ao mesmo tempo, os títulos de seus casos

passaram para a posteridade. Na verdade, a clínica freudiana coloca em série não estruturas clínicas, mas sujeitos designados por seu nome de sintoma, seu nome na psicanálise, o nome próprio do sujeito em psicanálise: o Homem dos Ratos, o Homem dos Lobos, etc.

O nome de sintoma concentra a maneira pela qual o sujeito tratou o "excesso" de sua vida. Ali onde a clínica clássica busca se orientar classificando o caso em uma classe, Freud declina as variações de uma mesma dificuldade de ser. Essa modalização imprime complexidade à abordagem estrutural. Até o ponto de o caso ser dificilmente localizável em uma classe como um caso de..., ele entra no campo analítico, ou seja, no campo dos "infelizes às voltas com o real", segundo a feliz expressão de J.-A. Miller. Hoje, a progressiva desconstrução do Outro exige essa abordagem modal. A pluralização dos nomes se presta à consequências clínicas. Trata-se de explorar a multiplicidade dos "arranjos" singulares, aqueles que só valem para um e, em suma, de submeter as indicações contidas na última parte do ensino de Lacan à prova da clínica de hoje.

Assim definida, a orientação clínica convida à exploração, à experiência daquilo que, ainda não completamente realizado, solicita nossa participação. Ela deixa, então, lugar para a surpresa, para o não-realizado. Para a noção de "caso" consideraremos o sentido de acontecimento, tomado de empréstimo à etimologia de *casus*, *cadere*, ou seja, o que acontece, o que está submetido ao encontro. A consideração do caso é menos construção racional do que experiência submetida ao encontro.

O caso "Juliette"

Quando me é trazida por seus pais, há três anos, Juliette tem três anos. Apresenta-se como uma menina de

aparência extremamente cuidada, "toda engomada"⁵. Fico impressionada com essa aparência de bela boneca arrumadinha, paralisada em seu sorriso, os cabelos retos, cortados em perfeita simetria⁶. Diria que ela me parece ausente e torna problemático, de pronto, o eu-corpo que sustenta suas roupas. Os pais vieram me ver a partir dos conselhos da psicóloga escolar, em função de um atraso na linguagem e um comportamento que inquieta a professora. Juliette apresenta, alternadamente, duas atitudes: ou se isola em um canto da sala, por vezes curvada embaixo de uma mesa, ou agride violentamente as outras crianças no nível do rosto. Fenômenos de ecolalia⁷ estão presentes. Ela exprime, por outro lado, frequentemente, um medo: "Tenho medo da feiticeira nos livros." Esse temor, segundo os dizeres da mãe, surgiu uma manhã, ao acordar, quando Juliette disse "a moça no escuro com papai". Em sua própria história, a mãe dirá ter engravidado seis meses depois de ter conhecido seu marido: "Eu não queria isso, mas não ousei dizer a ele. Só disse isso ao meu marido quando Juliette tinha dois anos e meio". Isso foi "um choque para mim", dirá o pai, ao descrever um momento de aniquilamento.

Juliette aceita sem pestanejar vir me encontrar. O modo de relação que ela instaura de saída é pontilhado por perguntas incessantes do tipo: "Como você se chama? É seu escritório? Por que é seu escritório?" Ela interroga o nome de cada objeto, que já conhece: "O que é? É o quê? Como isso se chama?" Seus movimentos obedecem instantaneamente ao significante. Assim, no momento em que se levanta, profere: "Você se levanta". Escolho não responder suas perguntas e lhe proponho algumas marionetes das quais ela se aproxima voluntariamente e as manipula utilizando minha mão para acioná-las. Vou tentar atribuir-lhe uma fala endereçada, fazer-me a destinatária dessas palavras plurais. No momento em que ela emprega indistintamente o "eu" e o "tu" ("eu quero que você venha contigo"), eu a

nomeio e me nomeio. É uma intervenção que atenua um pouco suas falas fragmentadas. A estrutura da interlocução com Juliette se desenvolve em um eixo imaginário no qual a função da fala inscrita na linguagem não está colocada.

Ela isola duas marionetes e sem mais enuncia: "a dama de preto" e "o bebê, ele está quebrado". Dois enunciados fundamentais que me mostram, por um lado, o modo como ela subjetiva o Outro materno e, por outro, sua própria posição subjetiva (um corpo quebrado). Essa sequência vai se reproduzir durante várias semanas. As perguntas param. O jogo com as marionetes prossegue de outro modo. Juliette pega uma marionete e me pede para falar com ela: "Fale com ela", "Diga-lhe que ela não é boazinha", "Diga-lhe que vai para a cama". Trata-se de uma tentativa de se fazer representar ou de fazer ressoar no Outro as palavras ouvidas? Face à impossibilidade de se fazer representar no Outro, por falta da função da fala, Juliette se limita à repetição dos enunciados ouvidos ou, então, desloca essa relação escópica desdobrando sua própria posição, fazendo-a ser sustentada por uma marionete.

Juliette muda seu modo de presença; apresenta-se, por vezes, mais presente, menos congelada, o transitivismo parece terminar. Digamos que parece inscrita, em alguns momentos, *minimamente*, no circuito que tento introduzir em seu monólogo, um circuito que se inicia no Outro. Um ano depois do início de nossos encontros, os pais os interrompem, considerando que a filha fez progressos e que ela ficaria boa, indo mais à escola.

Um ano depois, eles voltam muito inquietos com o comportamento de Juliette, em casa e na escola: uma "oposição crescente", dizem, que dá lugar a cenas terríveis: "Ela diz não", "Ela é mais forte do que nós", dir-me-á o pai, que tenta educar sua filha especialmente com a ajuda de exercícios que encontra nas revistas científicas. O que eles interpretam como uma oposição às

suas demandas ou aos seus desejos vai se esclarecer nas semanas seguintes. Quando sublinho para a mãe que ela fala de "afrontamentos" com Juliette, ela evoca, pela primeira vez, o primeiro "afrontamento", quando sua filha tinha seis meses: "Ela recusou as primeiras sopas que eu havia preparado para ela com amor". Descreve, então, sua decepção, seu sentimento de fracasso e conta que passou a tarefa a seu marido, que fazia Juliette comer tampando o nariz da menina. Durante essa entrevista, Juliette pega, em dado momento, o telefone, e sua mãe lhe diz: "Não, Juliette, você não deve usar esse telefone, pode incomodar alguém".

Juliette repete essa cena em uma sessão: pegando o telefone em um movimento febril, grita: "Juliette não telefone! Você pode incomodar alguém!" Em seguida, permanece interdita diante do telefone e, logo depois, agarra-o compulsivamente: o "não" que ela põe em marcha não a subtrai da demanda do Outro, ao contrário, a reduz ao comando do Outro. Nesse "não", ela se equivale ao objeto do Outro, é um "sim ou não", não dialetizável: ela é absolutamente esse "sim" ou esse "não". Ela se coisifica⁸ no enunciado: sim ou não. Há aí, em ação, um "não" fundamental que repete o "não" do desejo da mãe.

As perguntas retornam: "Como você se chama?", cinco ou seis vezes seguidas... Por vezes, repito a pergunta. Juliette se acalma então, e responde: "Sra. Alberti". Ela depende da presença de um outro para fazer ressoar aquilo que permanece fundamentalmente um monólogo com um duplo dela mesma.

O trabalho retoma com Juliette, que me comunica que, de noite, ela tem medo de monstros: "Eu não durmo bem, de noite, eu grito, é um sonho, é a noite." Ela não pode dizer nada mais sobre isso, a não ser que, assim que anoitece, "há monstros". Parece-me que, entre a "dama de negro", ou melhor, simplesmente "o negro" que a inquieta (e que indica

que o Outro materno não estava particularizado ou subjetivado como mãe) e o "monstro", talvez haja uma tentativa de elaboração desse Outro eminentemente enigmático para ela.

O monstro ao qual ela se defronta e sua incidência na relação com o semelhante se declinam em uma série de enunciados que ela trará nas semanas seguintes:

- "Eu vou chatear alguém, eu vou botar Emílio (uma criança de sua turma na escola) no buraco, vou prendê-lo, ele não poderá mais sair, dirão: "Onde você está, Emílio?"

- "Vou jogá-lo na lixeira, ele é triste, chora, eu também sou triste".

- "Vou prender você lá em casa e jogar na lixeira".

Juliette parece investir a via imaginária. Começa a se interessar por imagens de livros, que comenta:

- o cachorrinho vai passear para catar castanhas, eu vou matar o coelho com a pistola, a gente vai comer salsicha de coelho."

- "Você está de castigo... vai tomar banho, você, coelho, vai ficar aí sozinho, quietinho, vai ouvir mamãe, não quero mais ouvir você, não quero que você toque mais em nada".

Ela pega marionetes que nomeia segundo três modalidades que ela vai encarnar, algumas vezes simultaneamente, modulando sua voz segundo três pequenos roteiros muito fragmentados, curtos, mas muito novos:

1. a mamãe que dorme: "Não se pode acordá-la". Quando ela não dorme: "Ela grita, ela não fica contente" (subjetivação do desejo da mãe).

2. a bruxa que devora as criancinhas: "Ela vai comer todo mundo." A bruxa tem uma bolsa: "Eu vou comer você, botar na lixeira, o que dirá você?" (o objeto que a bruxa devora no real, mas também o ser abjeto que a gente joga fora como se fosse merda).

3. a dama princesa: uma imagem apaziguadora. A princesa é uma figura da qual ela vai adotar a aparência e a postura, que a acalmam e parecem lhe dar uma imagem unificadora: um vestido longo, uma echarpe. Ela se olha no espelho. Nesse momento, falo com ela, designando o papel ela assumiu: "Você se fantasiou de dama princesa". Em seguida a essa nomeação, ela retomará essa sequência várias vezes, buscando arrumar sua imagem, aperfeiçoá-la.

Os fragmentos precedentes, que se referem a uma figura feminina, vão evoluir para uma tentativa de articulação:

- "Há a bruxa, a irmã, a mamãe".

- "A irmã chama a mamãe, elas vão para casa, a bruxa quer morder a menina, ela se irrita, não está mais contente porque não tem irmã".

- "Eu não estou contente".

Esse cenário vai se esclarecer no sentido de um desdobramento do ego: "a mamãe, as duas irmãs" ou ainda "a mamãe e suas duas filhas, Mathilde e Marion" ou, ainda, "Mélodie e Marion" (Juliette é filha única).

- "Eu sou Mélodie, eu vou para a escola, ela não estudou direito, sua mamãe não vai levá-la ao café, eu a ponho de castigo, estou com os nervos em frangalhos, ela só me irrita".

- "Mélodie quer ir à escola fazer bagunça".

- "A irmã vai fazer xixi, ela faz xixi na calça, a mamãe grita: 'Vá para a cama e dorme'".

- "Você vai junto com sua irmã, eu não estou contente, as duas irmãs se batem, elas vão brigar".

- "As duas irmãs vão matar a bruxa: 'Vai embora, bruxa malvada, vai embora, sua merda'".

Assim, parece que uma elaboração se esboça no sentido de um investimento em respostas imaginárias; o duplo se impõe e a protege ao mesmo tempo do Outro enigmático e destruidor. Agarrar-se a um duplo dela mesma ou se fazer o duplê do outro lhe permitem se sustentar. Não se trata

propriamente de um cenário imaginário que sustentaria um eu ideal: é um recorte de imagens que lhe permitem tratar o objeto em excesso pelo mais simbólico do imaginário.

Essa fragilidade da identificação imaginária se explicita em outra ocasião na qual, no final de uma sessão, a mãe me interpela dizendo que não aguenta mais porque sua filha voltou a ter enurese, a tal ponto que só se fala disso. Ouço-a atentamente e lhe digo: "A senhora sabe, há outras coisas que me inquietam bem mais." Ficarei sabendo que, desde o dia seguinte, a enurese tinha parado. Penso que a labilidade das identificações fez Juliette passar a outra coisa e foi suficiente que eu indicasse essa outra coisa para que ela se acomodasse.

A incidência desse trabalho sobre a relação ao objeto especifica-se. Ao longo desse período, Juliette tem dificuldade para deixar o consultório: ao partir, ela quer "me levar para sua casa". Proponho-lhe, então, que leve um objeto, o que ela aceita, deixando-o cair rapidamente assim que se distancia do consultório. Algum tempo depois, leva, por iniciativa própria, um livro da sala de espera, do qual rapidamente se desinteressa, como se substituísse sua própria circulação por um objeto que, em sua materialidade, faria o laço de suas idas e vindas. Não é mais ela que circula como objeto do Outro, mas são objetos que ela coloca em circulação.

Nesses últimos tempos, um novo questionamento surgiu. Juliette se interessa pelo comprimento dos cabelos: curtos ou longos? Ela interroga incansavelmente os que estão a sua volta sobre o comprimento dos cabelos como signo que designa as meninas, que faz "uma menina" diferente de um menino. O imaginário é convocado aqui como um recurso que fornece atributos escópicos daquilo que o significante fracassou em constituir. Eu introduzo o significante "semilongo". Significante que ela vai retomar para inscrevê-lo em uma série: "curto, longo, semilongo". Esse

trabalho metódico, realizado junto a um outro suscetível de dar-lhe suporte, lhe permite tratar a diferença dos sexos sem passar pela significação fálica.

A mãe de Juliette tem cabelos longos sempre presos em um rabo de cavalo. Há algum tempo, ao ver bonecas de cabelos longos, Juliette se precipita para arrancá-los violentamente. Fico sabendo que faz isso com as outras crianças e até mesmo, por vezes, com os transeuntes na rua, assim que ela percebe seus cabelos presos. Essa tentativa de fazer advir uma forma real da falta se propaga, ao ponto de que quase todas as crianças de sua turma na escola cortam os cabelos.

Em uma sessão em que ela se precipita para arrancar os cabelos da boneca, eu proponho que ela retire a fita que prende o rabo de cavalo. Ela aceita essa proposta e leva a fita ao partir. Na vez seguinte, ela traz para a sessão uma xuxinha⁹. Ela colocará em circulação dezenas de xuxinhas que trocará com as mulheres a sua volta. A extração desse objeto fora do corpo apazigua sua relação com os outros e introduz, sob o modo de "dar, pegar", "retirar, recolocar", uma certa negativização do objeto. Agora, ela coleciona xuxinhas, carrega-as sempre com ela em uma bolsinha da qual não se separa. Correlativamente, poderá falar deles no registro do ter: "Eu tenho uma xuxinha, xuxinhas" ou, ainda enfeitar-se com eles: "Você viu minhas pulseiras?". Essa negativização introduz o "é meu" que a representa.

O tratamento que Juliette realiza introduz uma mudança na pura relação mimética ao semelhante em direção a uma identificação a um objeto metonímico que lhe permite tratar sua relação com o Outro. Não se trata de uma particularidade que ela teria adquirido no narcisismo, mas antes uma singularidade ligada ao objeto que a representa, sob o modo de uma insígnia (S1 e a).

Tradução: *Vera Besset*

¹ (N.T.) Texto original: Alberti, C. (2008). "Pas encore advenu... À partir de quand est-on fou?". In: *Études cliniques*. La Rochelle: Ed. Himeros, pp. 13-20.

² (N.T.) Sintagma: unidade linguística composta de um núcleo (por exemplo: um verbo, um nome, um adjetivo, etc.) e de outros termos que a ele se unem, formando uma locução que entrará na formação da oração.

³ (N.T.) Nosografia (medicina): tratado com descrição ou explicação das doenças.

⁴ No que parece ser um empréstimo à clínica kraepeliana, há no 'corpus' freudiano criações propriamente freudianas no plano da nosografia.

⁵ (N.T.) "Tiré à quatre éplingles".

⁶ (N.T.) "Coupés au cordeau".

⁷ (N.T.) Ecolalia: forma de afasia em que o paciente repete mecanicamente palavras ou frases que ouve.

⁸ (N.T.) No original: *réifie*.

⁹ (N.T.) No original: *chouchou* - pedaço de tecido franzido em torno de um elástico, que serve para amarrar os cabelos. Em português, 'elástico para cabelo' ou 'xuxinha', entre outras denominações.